O mosteiro de Pombeiro e as igrejas do seu padroado: mobilidade de equipas de pintura mural

Paula BESSA

Um conjunto de pinturas murais do século XVI existentes no Norte de Portugal evidenciam paralelos estilísticos entre si. Assim acontece entre as várias intervenções de pintura em Santa Marinha de Vila Marim/Vila Real, São Martinho de Penacova/Felgueiras, S. Mamede de Vilaverde/Felgueiras, capela funerária anexa a S. Dinis de Vila Real e Santa Maria de Pombeiro/Felgueiras.

Na verdade, estas igrejas não têm apenas em comum vários aspectos das suas pinturas murais. Existe também entre elas um vínculo institucional, já que o padroado de todas estas igrejas pertencia justamente ao mosteiro beneditino de Pombeiro.

Mais, quer na mais antiga pintura mural que se conhece na parede fundeira da capela-mor da igreja de Vila Marim, quer na de S. Martinho de Penacova ocorre, provavelmente, o mesmo brasão, muito provavelmente o do abade de Pombeiro D. João de Mello e Sampayo. Na segunda intervenção pictórica na capela-mor de Vila Marim ocorre também um brasão que foi identificado pelo Dr. Manuel Sampayo Pimentel de Azevedo Graça como sendo o do abade comendatário de Pombeiro D. António de Mello [1]. As pinturas murais na capela lateral do lado da Epístola na igreja de Santa Maria de Pombeiro estão acompanhadas por letreiro que identifica o encomendador, precisamente D. António de Mello.

Torna-se, assim, claro que este mosteiro e, particularmente, dois dos seus abades comendatários, D. António de Melo e, talvez, também, seu pai, D. João de Melo, desempenharam um papel de relevo na encomenda de programas de pintura mural para a igreja do mosteiro e para as igrejas do seu padroado.

Por outro lado, a investigação conduzida por António Franquelim Sampaio Neiva Soares [2] concluiu que, pelo menos a partir do séc. XVI, a responsabilidade pela decoração da capela-mor cabia a quem detinha o direito de padroado que, por vezes, assumia, também, a responsabilidade da manutenção e decoração da nave, embora, nas igrejas paroquiais, essa responsabilidade coubesse frequentemente aos paroquianos. Assim sendo, poderemos concluir que, se é muito provável –quando não absolutamente certo – que as intervenções nas capelas-mor sejam da iniciativa de Pombeiro e dos seus abades, não

---

* Docente de História da Arte no Departamento de História da Universidade do Minho

Nota: Muitos aspectos focados nesta comunicação foram já tratados por mim em BESSA, Paula, 2003 – *Pintura Mural em Santa Marinha de Vila Marim, S. Martinho de Penacova, Santa Maria de Pombeiro e na Capela Funerária Anexa à Igreja de S. Dinis de Vila Real: Parentescos Pictóricos e Institucionais e as Encomendas do Abade D. António de Melo.* "Cadernos do Noroeste", nº20 (1-2), Série História 3, 2003, p. 67-95.

[1] GRAÇA, Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo, 2002 – *Santa Marinha de Vila Marim: em Torno de um Brasão de Armas*, "Genealogia e Heráldica", nº 78, Centro de Estudos de Genealogia e Heráldica e História da Família da Universidade Moderna do Porto, Porto, pp. 47-138.

[2] SOARES, António Franquelim Sampaio Neiva, 1997 – *A Arquidiocese de Braga no Século XVII – Sociedade e Mentalidades pelas Visitações Pastorais* (1550-1570), Braga, pp. 457-458.

podemos ter a mesma certeza em relação a pinturas realizadas na nave. Por esta razão, ainda que existindo em algumas destas igrejas, não serão objecto desta comunicação.

As enormes afinidades entre os programas realizados revelam que as encomendas foram sistematicamente feitas às mesmas oficinas, o que implicou uma considerável mobilidade desses artistas entre casas na *terra de Gestaçô* e na *terra de Panóias*, pelo menos. Mas a mobilidade destas equipas de pintura mural não se confinou a estas igrejas, uma vez que se verificam também fortes semelhanças estilísticas com outras pinturas noutros locais como Joaquim Inácio Caetano revelou[3].

Vejamos agora quais as pinturas realizadas e quais as suas características estilísticas.

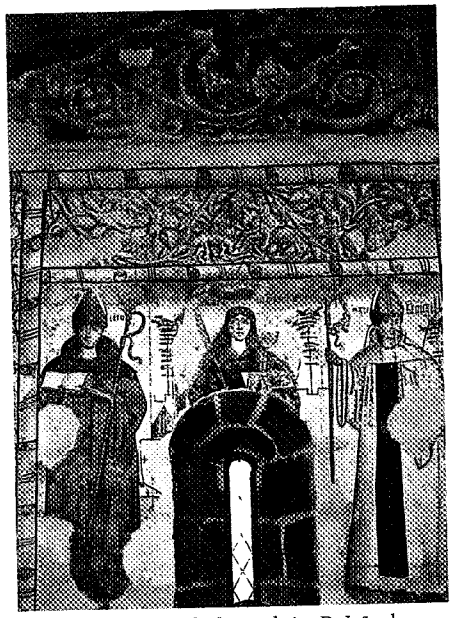

Fig.1. Brasão (do abade de Pombeiro D. João de Mello e Sampayo?) no primeiro programa de pintura mural na capela-mor da igreja de Santa Marinha de Vila Marim/VilaReal.

Fig. 2. Brasão (do abade de Pombeiro D. João de Mello e Sampayo?) na capela-mor de S. Martinho de Penacova/Felgueiras.

Fig. 4. Brasão de D. António de Melo no segundo programa de pintura mural na capela-mor de Santa Marinha de Vila Marim/Vila Real

Fig. 3. Letreiro identificando a encomenda de pintura mural de D. António de Mello para a capela lateral do lado da Epístola em Santa Maria de Pombeiro/Felgueiras

[3] CAETANO, Joaquim Inácio, 2001 – *O Marão e as Oficinas de Pintura Mural nos Séculos XV e XVI*, Aparição, Lisboa.

Santa Marinha de Vila Marim: o primeiro programa de pintura mural na capela-mor

A primeira campanha de pintura mural na capela-mor (***capela-mor de Vila Marim I***) inclui um rodapé de *paralelepípedos perspectivados*, um registo médio representando S. Bento, Santa Marinha e S. Bernardo, sendo a figuração dos santos encimada por barra decorativa ao modo da iluminura (com folhagens e, por entre elas, pequenos personagens e animais evocando cenas de caça) e envolvida por barras de enrolamentos e painéis decorativos com um motivo floral de *quadrifólios*. Existe grande semelhança entre esta campanha de pintura mural em Vila Marim e a pintura mural realizada na igreja paroquial de S. Salvador de Bravães/Ponte da Barca[4] e datada de 1501[5]. Na realidade, as barras de enrolamentos, os *tapetes* de *quadrifólios* e as próprias representações dos santos em Vila Marim e em Bravães são idênticos, razão pela qual os supomos da responsabilidade da mesma oficina, pensando também que a datação desta camada de pintura em Vila Marim não será muito diferente da de Bravães.

Um elemento de indicação cronológica importante para esta camada de pintura em Vila Marim poderia ser o brasão que se encontra entre S. Bento e Santa Marinha, infelizmente, quase desaparecido. Apenas se conserva a mitra que o encimava, assim como a bordadura de prata com cruzes páteas. A mesma mitra e a mesma bordadura ocorrem também no brasão que encima a representação do orago em S. Martinho de Penacova, como veremos. A mitra poderia identificar um brasão abacial[6], provavelmente o de um dos abades de Pombeiro, e a bordadura – dos Pimentel – poderia ter sido usada pelo abade D. João de Mello e Sampayo, trineto, por linha paterna, de D. Mécia Vasques Pimentel e, por linha materna, de D. Inês Afonso Pimentel[7]. Este abade está documentado como abade de

[4] CAETANO, Joaquim Inácio, 2001 – *O Marão e as Oficinas de Pintura Mural nos Séculos XV e XVI*, Aparição, Lisboa, p. 26, 27 e32.

[5] AFONSO, Luís, 2002 – *A Pintura Mural dos séculos XV e XVI na Historiografia da Arte Portuguesa: Estado da Questão*. "Artis – Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, Faculdade de Letras,Lisboa, Faculdade de Letras, nº 1, p. 125; AFONSO, Luís, 2003 – *São Salvador de Bravães e a cronologia da pintura mural portuguesa da Idade Média*. "Monumentos. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos", Lisboa, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Ministério das Obras Públicas, Transportes e Habitação, nº 19, p.114-123 (volume referente a Setembro mas cujo lançamento foi feito com o jornal "Público" a 18 de Novembro de 2003) e AFONSO, Luís, 2003 – *A cronologia das pinturas murais de S. Salvador de Bravães: uma reapreciação*, Lisboa, "Artis – Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa", nº2, Outubro de 2003, p. 273-274. Neste último artigo, Luís Afonso propõe a hipótese de que esta data, por um erro de interpretação durante o restauro, corresponda, antes, a 1510. Depois de ter analisado esta proposta *in situ*, penso que, tratando-se de uma boa hipótese, só um novo restauro poderá esclarecer esta questão.

[6] *Constituyçoões feytas por mandado do Reverendissimo senhor dom Diogo de Sousa Arçebispo e Senhor de Braaga Primas das Espanhas, s. d. (data provável: 1506): "Constituiçam. j. Como os dom abbades e dom priores beentos venham oa (sic) signodo com* **mitras e bagos**. *Por quanto per dereito se deue fazer per nos signodo em cada huum anno e a elle som obligados todollos dom abbades dom priores e beneficiados de nosso arcebispado vijr em pessoa çessando legitimo impedimento Ordenamos e mandamos que todollos dom abbades beentos e dom priores das ordeens de Sam beento e Sancto agostinho do nosso arcebispado quando que forem chamados pera signodo que sempre venham com suas* **mitras e bagos** *e com outros ornamentos neçessarios pera se reuestirem em pontifical por que assy deuem todos hir da See connosco atee o logar do signodo e estarem em elle. E a outra clerizia toda venha com suas Sobrepellizias limpas e saans. E qual quer dos sobredictus que isto nom comprir nos o condenamos em tres dobras douro pera as obras da nossa See. E que sempre fiquem obrigados a vijnr ao signodo na maneira acima declarada"*, fol. Ij (sublinhados meus). Nesta pintura, S. Bento e S. Bernardo que não foram bispos aparecem também representados com mitras e báculos.

[7] GRAÇA, Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo, 2002 – *Santa Marinha de Vila Marim: em Torno de um Brasão de Armas*, "Genealogia e Heráldica", nº 78, Centro de Estudos de Genealogia e Heráldica e História da Família da Universidade Moderna do Porto, Porto, pp. 61

Pombeiro entre 1508 e 1525[8]; encontrei, no entanto, uma confirmação de D. Diogo de Sousa, à apresentação de D. João de Melo, relativa a 1507, justamente para esta igreja de Vila Marim[9]. Se este brasão é, de facto, o de D. João de Mello – e não me parece que pudesse ser usado por nenhum dos abades imediatamente anteriores, ainda que da família Melo[10] – estas pinturas da capela-mor de Vila Marim deverão ser, muito provavelmente, e dada a sua grande semelhança com as pinturas de 1501 de Bravães, do início do seu abaciado.

A escolha da figuração de Santa Marinha como motivo central deste registo médio da parede fundeira da capela-mor está de acordo com as constituições sinodais do arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa [11] que, aliás, já deviam estar em vigor, como vemos, à data da realização desta campanha decorativa. As representações de S. Bento e de S. Bernardo ficam também explicadas se se tomar em consideração o facto desta igreja ser do padroado do mosteiro beneditino de Pombeiro. De facto, S. Bento foi o fundador da ordem beneditina e redactor da sua regra e S. Bernardo esteve na origem do desenvolvimento da ordem de Cister, ela própria uma reforma da ordem beneditina. Note-se ainda que o anterior comendatário de Pombeiro, primo de D. João de Mello e Sampayo, D. Jorge de Melo, passou a ser, em 1505, abade do mosteiro de Alcobaça.

A representação dos santos da ***capela-mor de Vila Marim I*** é feita com grande contenção, evidenciando um gosto por uma forma de representação um tanto abstracta – afastada, portanto, da vontade de representar como se se tratasse de representar uma realidade visível – mas que acentua valores simbólicos, conseguindo-se um efeito de elegância serena. Assim sendo, o tratamento das anatomias – particularmente, das mãos – e dos panejamentos foi feito de forma indicativa e sumária. Foi, no entanto, prestada importância ao olhar dos santos que interpela directamente o espectador, o que é particularmente notório na representação de S. Bernardo. A representação destes santos é semelhante à dos das pinturas de Bravães de 1501, embora em Vila Marim o tratamento dos rostos seja, talvez, mais cuidado, indicando-se o volume usando o claro-escuro; são também semelhantes o tratamento dos fundos: o solo de cor plana cinzenta-azulada com tufos de erva e seixos dispersos (para indicar a profundidade do espaço; um recurso também usado na gravura de ilustração bíblica das primeiras décadas do séc. XVI[12] e, também, na pintura a

[8] MEIRELES, Frei António da Assunção, 1942 (ed. de António Baião) – *Memórias do Mosteiro de Pombeiro*, Academia Portuguesa de História, Lisboa, pp. 39-40.

[9] Arquivo Distrital de Braga, Registo Geral, Livro 332, fol. 26v°: "*Aos xxbij dias do dito mês de fevereiro* [de 1507] *o dito senhor* [D. Diogo de Sousa] *confirmou em capellam e vigairo perpetuum da igreja de Samta Marinha de Villa Marim do termo de Villa Real do arcebispado de Braga a* ***Pedro Affonso clerigo de missa*** *e abera de seu* ***estipêndio e sellayro em cada hum anno pellas Rendas da dita igreja dois mil rs.*** *Os quais lhe forom assignados por dom* ***Joham de Mello*** *do mosteiro de Pombeiro a que a dita igreja he annexa perpetuum (...)*"

[10] Cf. árvores de costados de vários abades de Pombeiro do fim do séc. XV e do séc. XVI publicadas por GRAÇA, Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo, 2002 – *Santa Marinha de Vila Marim: em Torno de um Brasão de Armas*, "Genealogia e Heráldica", n° 78, Centro de Estudos de Genealogia e Heráldica e História da Família da Universidade Moderna do Porto, Porto, pp. 47-138.

[11] *Constituyçoões feytas por mandado do Reverendissimo senhor dom Diogo de Sousa Arçebispo e Senhor de Braaga Primas das Espanhas, s. d.* (data provável: 1506), fol. : "*Item veendo como as ymageens sam aprouadas per dereito e quanta edificaçam e deuaçam causam nom soomente aos ignorantes mas aos sabedores e leterados. Isto meesmo como seja cousa justa que cada sancto em seu logar e ygreja preceda aos outros* ***Ordenamos e mandamos que assy nos moesteiros de sam beento e de sancto agostinho como nas outras ygrejas parrochiaaes os dom abbades e dom priores e abbades ponham as ymageens de seus sanctos no meo do altar:*** *as quaaes sejam assy pintadas em retauollos ou esculpidas empedra ou paao e que respondam aas rendas da ygreja donde esteuerem .ez quem isto non comprir atee dia de pascoa de resurreiçam o auemos por condenado em tres cruzados douro se for moesteiro conventual e seendo parrochial em huumcruzado pera as obras da nossa see e nosso meirinho*".

[12] Alguns exemplos da colecção da Biblioteca Municipal do Porto: *Biblia*, Venetiis, 1511; *Biblia cum concordatijs veteris et noui testamenti et sacrorum...*, Lugduni, 1516; *Biblia* , Lugduni, 1546.

óleo[13]), os muros (em Vila Marim, uma muralha, por detrás dos santos, evocando, talvez, a Jerusalém Celeste), e, por trás da muralha, silhuetas de árvores, sugerindo-se, com esta indicação de uma sucessão de planos, a profundidade do espaço.

S. Martinho de Penacova

Nesta igreja conserva-se boa parte do programa de pintura mural da parede fundeira da capela-mor: vestígios de rodapé de *paralelepípedos perspectivados*, registo médio com a representação do orago enquadrado por barras verticais de laçaria e por painéis decorativos verticais de gosto semelhante ao da iluminura e encimado por decoração de *grotescos* com seres híbridos segurando brasão e, por cima, barras de enrolamentos e decoração de motivo floral de *quadrifólios*.

As barras verticais de laçaria e as de enrolamentos de folhagens e pequenos animais e personagens humanas são ao gosto de alguma iluminura do período manuelino. Alguns destes pequenos animais e personagens entre a folhagem ocorriam também na barra horizontal no topo da representação dos santos da *capela-mor de Vila Marim I*, como Joaquim Inácio Caetano notou.

O orago – S. Martinho – aparece representado a cavalo, no acto de dividir o manto com um mendigo. A representação do santo aparece ambientada por colunas e arco abatido de contracurvas quebradas, também de acordo com esse paradigma de gosto, como acontecia com a *Nossa Senhora com o Menino* de Bravães (c. 1501). O tratamento da figuração de S. Martinho e o do fundo, com silhuetas de árvores e pássaros de perfil são também semelhantes aos das pinturas de Bravães de 1501 e aos da *capela-mor de Vila Marim I*. O santo é acompanhado por legenda que o identifica e cuja letra é idêntica à das legendas dos santos da *capela-mor de Vila Marim I*. Em S. Martinho de Penacova, no entanto parece ter sido dada mais ênfase à utilização da cor e à indicação pelo claro-escuro dos volumes, pelo que não repugna supôr que estas pinturas possam ser um pouco posteriores às de Bravães e às da *capela-mor de Vila Marim I*. A ênfase posta na representação heráldica em Penacova, contrastando com a discrição da representação do mesmo brasão na *capela-mor de Vila Marim I*, parece reforçar uma cronologia mais tardia para Penacova.

Por cima da representação de S. Martinho corre uma legenda quase totalmente conservada ("mARTInVS AdVC CATECVmInUS AdjV mE ...CVn..."). Esta legenda alude a um passo da história do santo: depois de ter repartido o manto com o mendigo, S. Martinho teve um sonho em que lhe apareceu Cristo usando a metade do manto que havia dado ao pobre e dizendo aos anjos: "*Martinus, adhuc cathechumenus hac me veste contexit*" ("Martinho ainda que não mais que um catecúmeno, deu-me este manto")[14].

No topo desta representação coloca-se decoração de *grotescos* com seres híbridos ao modo de tenentes heráldicos segurando brasão mitrado com bordadura igual à que víramos no brasão entre S. Bento e Santa Marinha na *capela-mor de Vila Marim I*. Trata-se de uma bordadura de prata com cruzes páteas, dos Pimentel. Como vimos então, o abade D. João de Melo era trineto, por linha paterna, de D. Mécia Vasques Pimentel e, por linha

[13] Um exemplo, aliás mais tardio, de entre a produção de pintura portuguesa a óleo sobre madeira, é a *Pietá* da Sé de Lamego (Museu de Lamego, Inv. 20; data atribuída: segunda metade do séc. XVI).

[14] RÉAU, Louis,2001 – *Iconografia del Arte Cristiano – Iconografia de los Santos*, tomo 2/vol. 4, Ediciones del Serbal, 2ª ed., Barcelona, pp. 348-368.

materna, de D. Inês Afonso Pimentel[15]. Em S. Martinho de Penacova é ainda visível parte do esquartelado: o 1º quarto de azul – mas com vestígios de vermelho – com dobre-cruz e arruelas de prata. Estas cores são anómalas; ter-se-ão as cores originais alterado com o tempo ou tinham uma camada sobreposta de cor vermelha de que parece haver restos no fundo, sendo, então, este quarto de Melo? O terceiro quarto tem fundo dourado e águia estendida cuja cor é impossível de identificar com segurança dada a enorme perda cromática; trata-se da águia estendida de púrpura dos Sampaio? Se este brasão é de D. João de Melo, o que se afigura como hipótese muito provável, estas pinturas deverão ter sido realizadas durante o período que está documentado como sendo o do seu abaciado, entre 1508 e 1525[16]. O facto de este brasão aparecer discretamente colocado aos pés da figuração de S. Bento na *capela-mor de Vila Marim I*, estando, em S. Martinho de Penacova, salientado por ostentosa barra de *grotescos* e sobre a figuração do orago, numa aparatosa afirmação de mecenato, para além de outros aspectos já referidos, parece-me reforçar a hipótese de uma cronologia mais tardia para as pinturas de Penacova mas anterior a 1526, altura em que o abade de Pombeiro passa a ser D. António de Melo que usava um brasão diferente deste.

Sobre esta faixa de grotescos e de afirmação heráldica coloca-se ainda uma decoraração de tapete de *quadrifólios* enquadrada por barras de enrolamentos, sendo os quadrifólios um pouco diferentes nas opções de cor e de desenho dos de Bravães e dos da *capela-mor de Vila Marim I*, mas sendo os enrolamentos idênticos.

Capela funerária anexa à Igreja de S. Dinis de Vila Real

Não é provável que a responsabilidade pela encomenda das pinturas murais desta capela tenha cabido aos abades de Pombeiro[17]. Na realidade, Pombeiro detinha o padroado da igreja de S. Dinis e esta capela funerária era morgadio que, a partir de 1472, e por decisão de D. Afonso V, passou a beneficiar João Teixeira de Macedo, do conselho do rei e contador das suas rendas na província de Trás-os-Montes. Conserva-se nesta capela o magnífico túmulo ao gosto manuelino de João Teixeira de Macedo, com longo epitáfio salientando vários aspectos da vida e carreira de serviço público de João Teixeira de Macedo e a data da sua morte em 1506.

As pinturas desta capela funerária apresentam semelhanças com as de um segundo programa de pintura mural na nave de Vila Marim (representação dos santos, por exemplo) e com as de Nossa Senhora de Guadalupe (vejam-se as colunas que enquadram a *Árvore de Jessé*[18] em Nossa Senhora de Guadalupe e as que enquadram os santos na capela funerária anexa a S. Dinis, por exemplo). Estas pinturas de Vila Marim devem ser um

[15] GRAÇA, Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo, 2002 – *Santa Marinha de Vila Marim: em Torno de um Brasão de Armas*, "Genealogia e Heráldica", nº 78, Centro de Estudos de Genealogia e Heráldica e História da Família da Universidade Moderna do Porto, Porto, pp. 61.

[16] Na verdade, a confirmação de novo clérigo em Santa Marinha de Vila Marim, de 1507, faz já referência a este abade D. João de Melo (ADB, Registo Geral, Livro 332, fol. 26 vº).

[17] SOUSA, Fernando de, e GONÇALVES, Silva, -*Memórias de Vila Real*, vol. I, Vila Real, pp. 232-234.

[18] Suponho que a fonte de inspiração para a representação da *Árvore de Jessé* de Nossa Senhora de Guadalupe como se se tratasse de uma ramagem de roseira, com os bustos dos ascendentes de Jesus saindo da corola de rosas, foram as gravuras de ilustração da *Crónica de Nuremberga*, obra profusamente ilustrada com genealogias de toda a espécie e também com a de Jesus, usando a mesma representação de bustos emergindo de corolas de rosa, para além de outras semelhanças de tratamento de rostos e de pormenores de vestuário.

pouco anteriores às de Nossa Senhora de Guadalupe[19], estando estas datadas de 1529. A cronologia das pinturas nestes três locais, dadas as semelhanças que apresentam, deve ser próxima, próxima portanto de 1529.

Apenas refiro estas pinturas na capela funerária anexa a S. Dinis de Vila Real porque, dadas as suas afinidades com o segundo programa de pinturas na nave de Vila Marim, uma igreja do padroado de Pombeiro, existindo portanto relações institucionais entre esta igreja e a de S. Dinis de Vila Real, também do padroado de Pombeiro, é possível que tenha sido esta relação a justificar a escolha dos artistas que executaram os frescos desta capela funerária. Infelizmente, nada parece subsistir de pinturas murais que possam ter sido realizadas na igreja de S. Dinis de Vila Real, de resto uma igreja muito enriquecida com novos programas decorativos de grande qualidade em séculos posteriores que muito necessitam de uma intervenção de conservação.

Igreja de Santa Maria de Pombeiro

Em Pombeiro conservam-se dois programas de pintura mural quer na capela lateral do lado da Evangelho, quer na capela lateral do lado do Epístola, para além de restos de barras decorativas num arco desentaipado na nave, do lado da Epístola.

As pinturas da capela lateral do lado da Epístola estão melhor conservadas que as da capela lateral do lado do Evangelho, embora o seu estado de conservação, mesmo após o restauro promovido pelo IPPAR, impeça uma apreciação precisa quer das figurações, quer das legendas. Estão aqui representados dois santos beneditinos, suponho que, a avaliar pelo pouco que é legível das suas legendas, S. Mauro ("*sam ma* (...) *abatis*") e S. Plácido ("*S. Pla* (...)"). Estes dois santos foram discípulos de S. Bento. A representação destes dois santos em Pombeiro era, portanto muitíssimo adequada. Suponho que este programa incluía, ainda, outra figuração, ao centro, entretanto desaparecida, talvez para desentaipar a fresta. Tratar-se- ia de S. Bento?

A representação de S. Plácido (?) está acompanhada lateralmente por um letreiro que não é inteiramente legível. A primeira linha deste letreiro tem lacunas e está em muito mau estado de conservação parecendo-me, no entanto, possível ler "(...) de mill (?).b.(?). XXX. (?).:/(...)sñor dom/ abade dom amtonjo de/ mello a mãdou fazer:".

Se a data (1530) está bem lida, estas pinturas dos santos beneditinos foram realizadas no início do abaciado de D. António de Mello (1526-1556). Estas pinturas de Pombeiro são estilisticamente próximas das de Bravães (1501), das da *capela-mor de Vila Marim I* e das da parede fundeira da capela-mor de S. Martinho de Penacova, estas duas últimas, aliás, da provável encomenda do pai de D. António, o abade D. João de Melo.

A representação dos santos beneditinos de Pombeiro utiliza recursos que já referimos em Bravães e em Vila Marim: a sucessão de planos (um muro e, atrás, silhuetas de árvores) indicativa da profundidade do espaço, o mesmo modo de desenhar e sombrear os rostos, o mesmo desenho sumário das mãos, as mesmas barras de enquadramento de *enrolamentos*. No entanto, parece mais acentuada e sofisticada a vontade de enfatizar os volumes.

Sendo provável que todas estas pinturas (Bravães 1501, *capela-mor de Vila Marim I*, capela-mor de S. Martinho de Penacova e santos beneditinos de Pombeiro) sejam resul-

[19] CAETANO, Joaquim Inácio, 2001 – *O Marão e as Oficinas de Pintura Mural nos Séculos XV e XVI*, Lisboa, Aparição, p.36.

tado do labor da mesma oficina, podemos, assim acompanhar a evolução do seu trabalho ao longo de um período de cerca de vinte ou trinta anos.

As pinturas na capela lateral do lado do Evangelho são dedicadas a S. Brás, representando-se do lado da Epístola as feras e do lado do Evangelho uma visão sintética da vida milagrosa do santo. Este programa devia incluir pintura na parte central da parede fundeira, muito provavelmente, uma figuração do santo. O tratamento das mãos acusa forte semelhança com o segundo programa de pintura mural na capela-mor de Santa Marinha de Vila Marim (1549) que Joaquim Inácio Caetano atribuiu a mestre "Arnaus", o pintor que assinou e datou as pinturas de S. Paio de Midões/Barcelos e que poderá ter realizado também outros programas de pintura mural noutros locais[20]. Temos, aliás, a certeza de que este pintor interveio nesta Igreja de Santa Maria de Pombeiro, uma vez que a ele se deve a pintura do arco entaipado da nave, do lado da Epístola.

Frei Leão de S. Tomás refere ainda uma outra pintura entretanto desaparecida – que se infere que seja mural – representando S. Gonçalo de Amarante na sala do capítulo de Pombeiro. Aliás existiria também outra pintura a propósito do mesmo tema na sala capitular de outra casa beneditina, a de Paço de Sousa. A referência a estas pinturas faz-se no contexto de uma narrativa de litígio entre o abade D. António de Melo e Frei Julião, dominicano, que teria pedido para consultar uma *Vida de S. Gonçalo* existente em Pombeiro, roubando-a. Foi pedida a intervenção da rainha D. Catarina para a resolução do conflito que, no entanto, e apesar da confissão da culpa, não foi resolvido a favor de D. António. Alguns comentários de Frei Leão de S. Tomás e algumas reflexões de Assunção Meireles, levantam a suspeita de que a autoridade dos abades de Pombeiro era não só cobiçada – o que não surpreende se pensarmos que era, então, talvez, a mais rica instituição monástica da arquidiocese de Braga – mas, por vezes, questionada.

No século XVI generaliza-se por toda a Europa o gosto pelo uso dos brasões, mas talvez esta cobiça pelo abaciado de Pombeiro reforçasse ainda mais a necessidade de identificar a responsabilidade pela realização das obras de pintura mural fosse com a colocação do brasão do abade, fosse com letreiro evocativo.

Santa Marinha de Vila Marim: o segundo programa de pintura mural

Em 1549, foram realizadas novas pinturas na capela-mor de Vila Marim (***capela-mor de Vila Marim II***), sobre as anteriores. Tratou-se de um vasto programa decorativo da capela-mor abrangendo não só a parede fundeira mas também as suas paredes laterais.

Esta pintura das paredes laterais da capela-mor tem carácter cenográfico e ilusionístico: do lado do Evangelho, conserva-se a representação de uma porta aberta de que sai uma personagem transportando galhetas – para a celebração da Eucaristia – encimada por decoração de fitas enroladas e, por cima, possivelmente, decoração de grotescos; do lado da Epístola, conserva-se parte de uma composição semelhante a esta mas com a porta fechada. O desenho dos arcos das portadas e das próprias portas de madeira, com seus lavores escultóricos e ferragens, assim como a decoração de fitas enroladas corresponde ao gosto manuelino. Esta sofisticada composição dava a ilusão da existência de uma sacristia e de uma outra sala anexa à capela-mor – que, na realidade não existiam – transfigurando verdadeiramente a arquitectura.

[20]CAETANO, Joaquim Inácio, 2001 – *O Marão e as Oficinas de Pintura Mural nos Séculos XV e XVI*, Aparição, Lisboa, pp. 50, 69.

Na parede fundeira conserva-se uma pequena parte do rodapé, do lado do Evangelho; o registo médio desapareceu[21] mas conserva-se o registo cimeiro, com decoração de *grotescos* e com dois seres híbridos que, ao modo de tenentes heráldicos, seguram o brasão do abade de Pombeiro D. António de Melo[22] e letreiro com a datação da obra: "ERA de 1549". D. António de Mello, filho do abade anterior, D. João de Mello, está referenciado documentalmente como abade de Pombeiro entre 1526 e 1556[23].

Neste novo rodapé – usando uma fina moldura vertical de padrão geométrico usada também em outras igrejas[24] -, continua a intenção cenográfica da decoração das paredes laterais, figurando-se um galgo sentado, de perfil e preso por trela à parede, em posição expectante. Neste programa, a figuração sacra do registo médio da parede fundeira aparecia, assim, enquadrada por apontamentos de quotidiano contemporâneo: a personagem com as galhetas saindo da porta do lado do Evangelho, o galgo preso à parede fundeira. Evoca-se a fixação de um instantâneo, de um momento preciso, fugaz e, tanto quanto é possível avaliar, contemporâneo. Não conheço na pintura mural portuguesa do Norte nenhum outro exemplo de programa semelhante na sofisticação e no arrojo da ideia. A execução do desenho e da pintura, recorrendo a indicações de perspectiva e de claro-escuro para sugerir o espaço e o volume são eficazes.

*

Finalmente, gostaríamos de apontar, o caso das mais antigas pinturas no arco triunfal da igreja de S. Salvador de Arnoso, com semelhanças com o primeiro programa de pintura mural realizado na nave de Vila Marim, ambas, provavelmente, e como Joaquim Inácio Caetano já propôs, do século XV[25]. Embora nenhuma destas pinturas possa ser atribuída com segurança a encomenda do padroado, ou seja, do mosteiro de Pombeiro, uma vez que não se localizam na capela-mor, a sua distância no espaço leva-nos a perguntar qual teria sido o papel desempenhado por este mosteiro e pelos seus abades na escolha de oficinas de pintura mural a intervirem nas igrejas do seu padroado. Será que já no século XV os abades e mosteiro de Pombeiro faziam deslocar equipas de pintura mural?

[21] Joaquim Inácio Caetano, que foi responsável pelo restauro da pintura mural de Vila Marim, refere o conteúdo desse registo médio (uma repetição dos temas pintados anteriormente: S. Bento, Santa Marinha e S. Bernardo) e publica uma fotografia de um aspecto desse registo médio que relacionou com a actividade do mestre Arnaus que trabalhara e assinara as pinturas murais na igreja de S. Paio de Midões em 1535. Cf. CAETANO, Joaquim Inácio, 2001 – *O Marão e as Oficinas de Pintura Mural nos Séculos XV e XVI*, Aparição, Lisboa, pp.50, 69.

[22] GRAÇA, Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo, 2002 – 'Santa Marinha de Vila Marim: em Torno de um Brasão de Armas', *Genealogia e Heráldica*, nº 78, Centro de Estudos de Genealogia e Heráldica e História da Família da Universidade Moderna do Porto, Porto

[23] MEIRELES, Frei António da Assunção, 1942 (ed. de António Baião) – *Memórias do Mosteiro de Pombeiro*, Academia Portuguesa de História, Lisboa, pp. 40-41.

[24] Esta moldura aparece também no arco desentaipado da nave, do lado da Epístola, da igreja de Santa Maria de Pombeiro, na igreja de Santiago de Folhadela/Vila Real e na de S. Paio de Midões/Barcelos e na de Fontarcada, Póvoa de Lanhoso.

[25] CAETANO, Joaquim Inácio, 2001 – *op. cit.*, Aparição, Lisboa, p. 16-25.